



Aprender a ser

Primeiros passos para um projeto pedagógico transdisciplinar

Profª Mariana Thieriot

"A grande questão é alcançar a sinceridade, a verdade absoluta consigo mesmo.

Não se trata de querer tal e tal coisa mas unicamente o que nossa natureza individual nos manda querer, para sermos nós mesmos e nada mais do que nós mesmos.

Fora disso tudo vai ter a mentira."

Henrick Ibsen

Palestra final do colóquio

I. A LIMITAÇÃO

Sem dúvida nada mais difícil, raro do que alcançar a "sinceridade". A realidade resiste a nossas melhores leituras ou interpretações. Ela se encontra sempre um passo mais a frente: como escreveu Basarab Nicolescu: "Entendo por realidade em primeiro lugar aquilo que resiste às nossas experiências, representações, descrições ou formalizações matemáticas". (Basarab:1999). Para alcançar alguma sinceridade é preciso se debruçar sobre o que em nós mora de inautêntico, sobre nossas limitações, aceitar uma posição de aprendizagem que implica o reconhecimento de uma margem de ignorância, e até de facticidade, de impostura.

O principal obstáculo ao desenvolvimento integral pelo ser humano parece ser a redução dos significados, sua pluralidade, sua complexidade a uma verdade unilateral e parcial ou "dogma" do qual uma pessoa ou grupo de pessoas seria o detentor. Esta situação dogmática tem como mola propulsora um movimento de imposição de um sentido unívoco aos outros, evitando o diálogo e impedindo a compreensão. Este movimento de imposição, é um movimento assimétrico, de desequilíbrio que articula relações de poder, dentro das quais uns dominam outros se submetem, sem que este fato obedeça a uma explicação lógica e justificável, como a dependência momentânea da criança ao adulto, do doente ao médico. É assim porque eu mandei, porque fulano decretou, mesmo que não haja nenhum motivo para isto, de tal modo que o sujeito ou o grupo aprisionam a realidade num único nível, nível este explicaria todos os outros.

Heidegger descreve a vida inautêntica como a ditadura que a massa impõem ao ser humano e no qual este se perde "a gente falou, a gente resolveu, a gente vai, a gente fica". É preciso "estar na média"; estar na média do que é politicamente correto, do que é elogiado, aceito, como do que é censurado, "do que promete sucesso", "ou do que impede o sucesso", "no mundo da média do que é conveniente, tudo já está preestabelecido, predeterminado e até mesmo o risco autorizado foi delimitado. Qualquer exceção é imediatamente descartada. Tudo que é original é tratado rapidamente, as vezes da noite para o dia, como o "óbvio", o "super conhecido". Tudo o que foi conquistado por uma luta assídua e corajosa cai em

qualquer mão e é banalizado. Todo segredo perde sua força. A preocupação em "estar na média" revela uma tendência para o nivelamento para igualização".

"Distancialidade", "Estar na média", "igualização" constituem os modos de ser que conhecemos sobre o nome de publicidade. Heidegger tece já em 1927 uma violenta crítica ao mundo publicitário (não tão longe da afirmação de Basarab Nicolescu de que há atualmente dois caminhos para a humanidade o de comerciantes ou o de caminhantes) segundo Heidegger a publicidade é refratária a qualquer diferença de nível e a autenticidade, ela se apresenta contra tudo isto. Como neste mundo "a gente" já decidiu tudo de antemão, o sujeito não precisa assumir nenhuma responsabilidade. Afogado na impessoalidade, a massa age e dilui as dificuldades. A pergunta "quem?" recebe a seguinte resposta: "ninguém". Cada um é o outro e ninguém é si próprio.

Heidegger enumera as seguintes categorias para o modo de ser impessoal do sujeito que se dissolve na "gente";

- A distancialidade;
- O estar na média;
- A igualização;
- A publicidade;
- A dispensa de ser dispensa; e
- A prevenção.

Nestas modalidades de ser ou o sujeito ainda não se encontrou ou ele já se perdeu. E curiosamente ele se tornou um "ens realissimum", o sujeito o mais realista possível. Adaptado "bem resolvido" aparentemente integrado, ao nível ontológico ele está dissimulado na massa. (Heidegger: 1927). A massa devoradora perfeitamente descrita por Elias Canetti em Massa e poder.

II. A BUSCA DE SI MESMO

O ser humano para se encontrar um pouco, para ser sincero deve aprender a identificar em si próprio os movimentos de "dissolução", de "igualização", de "impessoalização", de desresponsabilização", no qual ele está inserido. Para que o humano descubra seu ser próprio, ele precisa sacudir os abrigos que o amparam, remover os filmes protetores que o envolvem, arrancar as camuflagens nas quais ele se esconde de si próprio. Este ser que progressivamente ou bruscamente se desvela é um ser movido pelo cuidado. Segundo E. Lévinas ser é ter cuidado, ter cuidado consigo, com os outros, com o mundo:

"Cuidado do ser humano que se estende ao outro ser humano e expressa a solicitude de um para o outro"... Este cuidado com os outro se traduz por uma solicitude pelo seu comer, seu vestir, seu beber, seu abrigo"(Lévinas: 1991).

Ser neste sentido, é "ser com"... é ser para. No entanto para opor o cuidado aos modos inautênticos de ser é preciso dar um salto, "um passo incomum" segundo a expressão de Norbert Elias: do monólogo para o diálogo consigo mesmo. Norbert Elias em sua obra ressalta os "aspectos relevantes dos processos sociais não planejados", do salto que Mozart deu quando parou de escrever música para conquistar uma mulher ou um público, e decidiu compor para si mesmo. Ele compara o salto de Mozart ao momento que Michelangelo entrou em conflito com o Papa, foi para Florença e recusou-se a seguir os beaguins papais enviados para trazê-lo de volta, ou quando Bach rompeu com o Duque de Weimar demitiu-se do posto e usou seus contatos para conseguir uma posição em outra corte.

Apenas um passo incomum, um salto, apesar do medo, da dor, do risco e do peso da responsabilidade, (que é literalmente resposta a um chamado) pode nos permitir modificar uma representação, ampliando, revendo, aprofundando, conversando com nossas

representações anteriores, sobre o mundo, sobre os outros, sobre nós mesmos. Apenas um salto pode nos levar a perceber que a realidade possui vários níveis. A física contemporânea demonstrou a discontinuidade entre os níveis quântico e macrofísico. No entanto estes diferentes níveis de realidade são ambos atravessados pela consciência humana. Como? Talvez exista um paralelismo entre o nível quântico e um psíquico. Porém também pressupõe a existência de outros níveis de outros saltos, que nos remeteriam ao sagrado.

Para começar dizia W. Yankelecitch é preciso coragem. Não se ensina a começar. Aprender a ser sempre remete em última instância a uma decisão pessoal daquele que aprende e se podemos torcer pela decisão, distribuir metodologias, conselhos, afeto ou por vezes até aumentar a crise para ver se o outro acorda, nunca podemos decidir aprender a ser no lugar de ninguém.

Ora para tal é necessário uma boa dose de inventividade metacognitiva.

E portanto fundamental a consciência de que não há receitas prévias e seguras, de que cada relação pedagógica, psicológica, psicopedagógica é antes de mais nada um encontro inédito, uma história que engaja os que nelas caminham num trajeto que pode até fracassar.

A busca de si mesmo passa pela faculdade de transformar os impasses e os descaminhos em saída, de desenhar oásis nos desertos, de pintar portas nos labirintos, de cantar de mansinho numa cela que é preciso caminhar. Por vezes é preciso assumir que caminhos que não levam a parte alguma, foram também momentos de construção, de articulação de uma procura. Como escreveu claramente Carlos Castanheira "qualquer caminho é só um caminho e não há ofensa nem a nós mesmos, nem aos demais em deixá-lo, se é isso o que o seu coração lhe diz. Tente o tantas vezes quando o julgar necessário. Então formule-se a si mesmo e somente a si mesmo uma pergunta... Esse caminho tem coração? Se tem o caminho é bom, se não tem, não serve".

III. O CUIDADO

E. Morin constata que é a tendência a "redução" da realidade as verdades unilaterais que a confinam num único nível que nos impede de usar nosso potencial de compreensão. "A hiper-especialização que fragmenta a teia complexa dos fenômenos define o real como sendo o real uma parte arbitrária. Por outro lado, a abstração incontrolada tende a considerar as formulas e as equações como a única realidade. Chegamos assim a uma inteligência cega, que isola os objetos uns dos outros, os separa de seu meio ambiente, desintegra os conjuntos, os sistemas, as totalidades". A predominância disciplinar, separatista, nos faz perder a aptidão a religar, a aptidão a contextualizar, ou seja a situar uma informação ou um saber no seu contexto natural. Perdemos a faculdade de globalizar, isto é de introduzir os conhecimento num conjunto mais ou menos organizado. Ora as condições de qualquer conhecimento pertinente é justamente sua contextualização. Segundo Edgar Morin é esta redução da realidade a um só nível, esta redução do todo a uma parte que faz com que a incompreensão reine dentro de nós, das nossas relações com os outros, entre os casais, os pais, os filhos ? Ele vai até dizer "entre os povos, entre as nações, entre as religiões (Morin: 1999)".

A redução atesta da recusa em aceitar a realidade como problema ontológico, ou seja como resistência, ou mais precisamente como resistibilidade. Esta resistência pede esforço, pesquisa, estudo. Inúmeras "receitas", horóscopos, tarôs ou fórmulas sofisticadas estão aí para nos impedir este esforço de auto-conhecimento, que se não se limita a um ato de reflexão, passa por ela. "O Desvelamento só é dado a aquele que aceita a experiência da resistência. A experiência da resistência isto é do desvelamento do resistente pelo esforço exercido sobre ele, só é ontologicamente possível na base da abertura do mundo (Heidegger: 1927)". O mundo só abre para aquele que se abre para o mundo em toda sua complexidade,

que busca compreender aquilo que resiste. Para tal é necessário abrir-se a circulação entre os vários níveis da realidade, o que vai permitir a educação integral do ser humano, um ser humano que se concebe sagrado. Segundo E. Morin sem compreensão, não há civilização possível.

Este movimento de compreensão se traduz por um movimento dialógico. Segundo o autor podemos compreender o movimento dialógico através do exame do jogo antagonista da vida e da morte. A vida é o conjunto de funções que resiste a morte, usando as forças de morte para si própria, num processo de regeneração.

Segundo ele cada momento de nossa vida é um momento de regeneração. O ser só pode se auto-produzir, e se auto-manter se ele se auto-regenerar. Ora a auto-organização é uma noção paradoxal: um ser, uma realidade auto-produtora precisa buscar energia no seu meio ambiente e por isto depende deste meio ambiente que simultaneamente lhe proporciona autonomia. Ou seja como já o havia notado Schrodinger em nossa identidade levamos a alteridade, por exemplo a alteridade do meio. Ou seja na nossa identidade de indivíduo social levamos a alteridade da sociedade. Em nossa identidade de sujeito pensante levamos a alteridade da herança genética que é o da humanidade e o da herança pulsional que pertence a nossa animalidade"(...) "No ciclo trófico da ecologia que permite aos seres vivos de se nutrir uns aos outros, uns se nutrem da morte do outro: quando os animais morrem, este servem de banquete para os insetos necrófilos, sem falar dos unicelulares, e dos seus sais minerais que são absorvidos pelas plantas.

Ora se a vida é o conjunto de funções que resiste a morte, usando as forças de morte para si própria, aprender a ser através do diálogo equivale a fazer vida com a morte, resistindo a ela com nossa criatividade, nossa inventividade e nossa constância.

De fato o processo de criação se nutre também da negatividade, da agressividade, não a nega. É possível escrever um poema desesperado e depois ir tranquilamente almoçar. Cuidar da vida não é negar a morte, escondê-la debaixo do tapete, porém, estabelecer um diálogo com ela, fazer arte com o que nos mata, enquanto é possível, revertendo o irreversível. Através dos gestos mais corriqueiros, mais cotidianos, mais banais, podemos nos destruir, nos desresponsabilizar, nos furtar, nos diluir na massa. Através destes mesmos gestos, simples, triviais, poderíamos nos desvelar. Nasceria então um cuidado dos gestos. Ser com cuidado mútuo, no cotidiano, em companhia... O ser que é verdadeiramente si mesmo, não é diz Heidegger um ser que quer alcançar um estado de exceção, de superioridade que opõem "a gente", ao resto das pessoas, a massa. Seria a própria massa, a gente que sutilmente, quase que imperceptivelmente, através de pequenos gestos, achados e artimanhas começaria a conversar, a se acompanhar no dia a dia. Neste sentido, o cuidado seria um cuidado mútuo, como se cada um de nós fosse uma Jóia enigmática e singela que pedisse ternura.

Será ingenuidade minha? Mário de Andrade quando Parainfo no seu discurso pela Escola Superior de Música, afirma há sempre um ingenuidade contra qualquer crime e tenta persuadir seus estudantes que a cultura, no caso a música, vale como pão. E conclui, há sempre uma pureza contra qualquer vício, há sempre uma aurora para qualquer noite, e esta aurora sois vós".

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de
Oração do Parainfo de 1935, in Aspectos da Música Brasileira

CANETTI, Elias
Massa e Poder

ELIAS, Norbert
Mozart, Sociologia de um gênio, Jorge Zahar editor, R.J., 1994

HEIDEGGER, Martin
Être er Temps Gallimard, 1977

LEVINAS, Emmanuel
Entre nous, Essais sur le penser à L'autre, Ed. Grasset Fasquelle, 1991

MEIRIEU, Philippe
Frankenstein Pédagogue, E.S.F., 1996

MORIN, Edgar
Réforme de la pensée, transdisciplinarité, réforme de L'Université - artigo CIRET, 1999.

NICOLESCU, Basarab
Manifesto da transdisciplinaridade, Trion, 1999.

RICOEUR, Paul
Soi-même comme um autre Le Sevil, 1990.